

FERRUGEM ASIÁTICA: UMA PRAGA PARA OS PRODUTORES DE SOJA

Ricardo Augusto Dias Kanthack

Eng. Agr., Dr., PqC do Pólo Regional Médio Paranapanema/APTA

kanthack@apta regional.sp.gov.br

A soja cultivada no Brasil é bem diferente das ancestrais produzidas na Ásia, que tinham hábitos rasteiros. Domesticada na China, é cultivada e consumida há milhares de anos. Chegou ao Brasil pela Bahia em 1882, mas obteve sucesso a partir de 1941 no Rio Grande do Sul.

No final da década de 60 a produção brasileira chegou a 15 milhões de toneladas de grãos. Atualmente o Brasil produz mais de 50 milhões de toneladas. Fez com a cultura do trigo um binômio de sucesso para o sistema cooperativista do Brasil. É responsável por mais de US\$ 6 bilhões de divisas cambiais diretas e cinco vezes esse montante se considerarmos os benefícios indiretos. O binômio soja-trigo foi sem dúvida o responsável pela escala comercial da agricultura brasileira, pela profissionalização de todo o segmento e maior preparo dos empresários agrícolas frente à concorrência internacional.

O segmento da sojicultura enfrenta há muito tempo percalços como doenças, pragas, preços e desmandos na política agrícola Nacional. Colheram cerca de 52,6 milhões de toneladas de grãos de soja no ano agrícola de 2003/2004 no Brasil. A estimativa inicial era de que a colheita ultrapasse os 57,5 milhões de tonelada, calculando-se uma perda de aproximadamente US\$ 4 bi aos produtores (CNA, 2004). Entre outros fatores, atribui-se essa perda pela ocorrência da Ferrugem Asiática (*Phakopsora pachyrhizi*), fungo que pode ser considerado como causador da doença de maior severidade para a cultura da soja no mundo. Relatos mencionam perdas de até 70% da produtividade.

A doença foi observada pela primeira vez no Brasil, de forma mais severa, no final da safra de 2001/2002 no oeste do Paraná, embora exista relato de sua ocorrência bem antes. No Estado de São Paulo atingiu todas as regiões produtoras de soja, com mais ou menos intensidade, em função das condições climáticas do solo proporcionadas regionalmente.

Climas amenos, com temperaturas entre 18 a 24° C, alta umidade relativa e presença de filme de água sobre as folhas, favorecem a ocorrência da epidemia, que tem na soja o seu hospedeiro preferencial.

Dentre as maiores dificuldades para o monitoramento, manejo e controle da doença, menciona-se a identificação dos sintomas iniciais, que podem ser confundidos com os de outras doenças de menor importância, como a Pústula Bacteriana, Crestamento Bacteriano, mancha parda e a septoriose. Essa confusão pode levar o produtor ou o agrônomo a erros na recomendação para o controle da Ferrugem Asiática, causando perdas de no mínimo R\$ 150,00/ha. O dano econômico se torna ainda maior se considerar que o efeito residual dos fungicidas indicados para o controle da doença gira em torno de 20 a 25 dias.

A decisão de aplicação ou não de fungicidas, dependerá de uma série de fatores interagidos. Entre eles, necessita-se conhecer os talhões plantados, ocorrência de umidade, probabilidade de temperaturas favoráveis ou não à biologia do agente causal, altitude da gleba e se o cultivar é mais ou menos tolerante e qual estágio fisiológico que a cultura se encontra. Sabe-se que quanto mais tardio for o diagnóstico, maior será a probabilidade de perdas na produção.

Uma das maneiras de combater a ferrugem asiática é a capacitação dos técnicos da rede de Assistência Técnica Pública e Privada que consiste na base para o reconhecimento imediato da doença, no sentido de manejar e controlar a doença de forma eficaz, ou seja, na hora certa com o máximo de economia ao produtor.

O Pólo Regional do Médio Paranapanema e o IAC - Instituto Agrônomo de Campinas – juntamente com o CDVale e com o SEBRAE-SP realizaram em setembro de 2004 uma capacitação na forma de oficina de trabalho com atividades teóricas e práticas. Participaram do evento engenheiros agrônomos da rede de Assistência Técnica que receberam informações técnicas para o reconhecimento, monitoramento, manejo e controle da Ferrugem Asiática. A disseminação das informações chegou até os agricultores e líderes rurais que também participaram da oficina de trabalho.

Esta iniciativa só foi de possível realização graças ao apoio da COATER, CATI EDR Assis, BIOMAVALE e CDVale.

A sojicultura no Médio Paranapanema

A sojicultura no Médio Paranapanema foi introduzida como uma alternativa para o cultivo de verão em sucessão com a cultura do trigo. O trigo era semeado no inverno e por ser gramínea, necessitava de uma leguminosa no verão para minimizar os problemas fitossanitários (pragas e doenças). As semeadoras de trigo foram adaptadas para o plantio da soja. Assim, no princípio otimizou-se os maquinários utilizados no preparo da cultura do inverno para a soja.

No início, as práticas culturais não visavam a preservação do solo. No final da década de 60 até início dos anos 70 houveram muitos problemas com a erosão hídrica (por intensas chuvas), causando assoreamento dos mananciais. Trabalhos realizados pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, através da Cati, e do IAC, possibilitaram a implantação do Plantio Direto na Palha, que é considerado como um sistema preservacionista, não somente das condições físicas do solo, bem como da qualidade da agricultura em geral.

A mecanização racional através dos Sistemas Conservacionistas que abrangem mais de 70% da área agricultável com grãos da região, possibilitou maior qualidade da agricultura e ambiental. Entre outros benefícios, ressalta-se a melhoria das propriedades do solo a serem herdadas pela descendência dos produtores com perspectivas de também produzirem com qualidade.

Cabe ressaltar que toda a cadeia produtiva da soja foi também beneficiada, quer no segmento das empresas produtoras de máquinas e maquinários, e também no de pós-colheita, como as indústrias produtoras de óleo, rações, farmacêuticas entre outras, que contam com matéria prima de melhor qualidade.

Dr. Ricardo Augusto Dias Kanthack é engenheiro agrônomo e pesquisador científico da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios - APTA - Pólo Regional do Médio Paranapanema, que pertence a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.